

PRÁTICA DE ENSINO: Jornais - uma fonte histórica, diversos usos como recurso no ensino de História

Bruno Miranda Braga¹

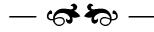
RESUMO: Trabalhando com a didática e a pesquisa em história, o artigo apresenta possibilidades de uso de jornais nas aulas de história. Destaca que entre a história ensinada e a história pesquisada, a acadêmica, parece haver uma distância significativa na linguagem e expressividade da mesma ciência. A proposta do texto é de mostrar que o uso de fontes primárias em sala de aula de educação básica é uma forma prazerosa de melhor alcançar nossos alunos, e os inserir em nossa disciplina como participes da história. Também enfatiza que com o uso do jornal podemos evidenciar que a história acontece cotidianamente, e que ela está para ser contada.

Palavras-chave: Jornais. Ensino. Didática da História.

PRACTICA DE LA PROFESORIA: Periódicos - una fuente histórica, varios usos como un recurso en la enseñanza de la Historia

RESUMEN: Trabajando con didáctica e investigación de historia, el artículo presenta posibilidades para el uso de periódicos en clases de historia. Destaca que entre la historia enseñada y la historia investigada, la académica, parece haber una distancia significativa en el lenguaje y la expresividad de la misma ciencia. La propuesta del texto es mostrar que el uso de fuentes primarias en el aula de educación básica es una manera placentera de llegar mejor a nuestros estudiantes, e insertarlos en nuestra disciplina como participa en la historia. También hace hincapié en que con el uso del periódico podemos demostrar que la historia sucede a diario, y que hay que contarla.

Palabras clave: Periódicos. Enseñanza. Didáctica de la Historia.



História ensinada: saberes a partir da prática docente criativa

Hoje, como ontem, o ensino-aprendizagem pressupõe uma prática que desafia tanto o aluno quanto o professorado. Ensinar antes de uma prática que é aprendida durante 4 anos de formação² é um ato no qual se aperfeiçoa, se molda de acordo com as especificidades de cada ano, de cada turma, de cada escola.

Ensinar requer uma postura crítica, uma visão antes que formativa ou elucidativa, deve ser uma visão de mundo, do entorno e de projeto, projeto esse que o aluno irá se envolver e se desenvolver enquanto cidadão. Nesse sentido, a prática da docência requer além de comprometimento, o envolvimento, o pertencimento e a atualização necessária que esse projeto exige.

A prática do ensino é um desafio constante. Surgem diferentes empecilhos que acarretam ao magistério uma “carga negativa”, por outro lado, aqueles se dedicam a este mister constantemente desenvolvem habilidades e competências que permitem sair “do trivial” e “avançar” com as inovações que propõem. Aprendemos desde a graduação em licenciatura que ser professor é antes de tudo saber ser criativo, inovador. Mas em que concerne esse “ser

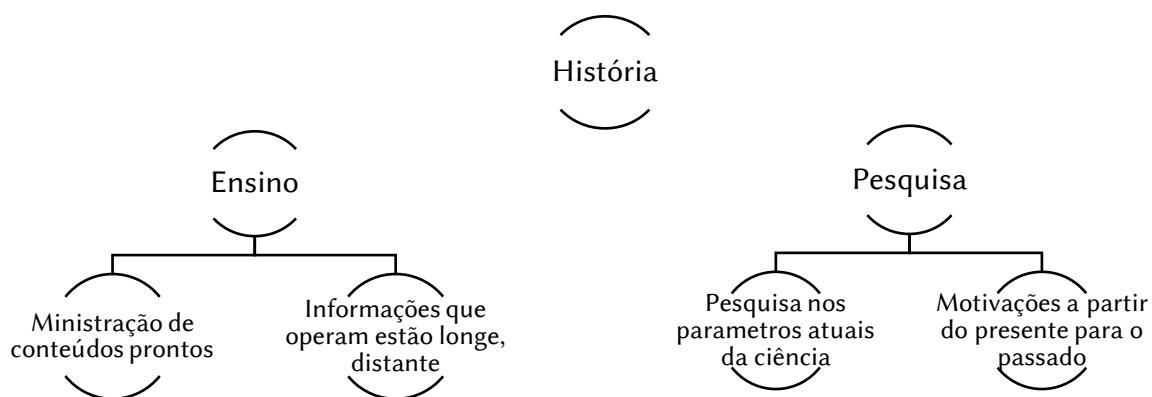
¹ Doutorando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Mestre em História Social. Especialista em Gestão e Produção Cultural. Professor licenciado em História e em Geografia. É membro do Núcleo de Estudos em História Social da Cidade, o NEHSC. Atualmente bolsista de doutorado do CNPq. ID Lattes: 9593-0970-5057-0247. ORCID: 0000-0001-7000-2456. E-mail: brunomirandahistor@hotmail.com.

² No Brasil a formação de um professor segue um formato que denominamos “3 + 1” que se trata da Licenciatura. Nas diversas Instituições de Ensino Superior -IES- a formação do professor segue uma carga na qual 3 anos são de um maciço número de conteúdo específicos da disciplina escolhida, e 1 ano de formação pedagógica, mais voltada para a docência da educação básica. Evidentemente que cada plano de curso varia de IES para IES, porém, em suma o modelo do “3 + 1” ainda hoje é o mais recorrente no Brasil.

criativo”? Como, e quando, a prática de ensino, especialmente de ensino de história se torna “criativa, inovadora”, mais ainda: como ser criativo, diferencial e não cair em “erro” ou não ser compreendido por parte dos alunos?

Penso que ainda hoje o ensino de História no Brasil, “não alcançou” os objetivos que a operação historiográfica por aqui já “conseguiu”. Da primeira geração de Annales, movimento historiográfico mais proeminente do século XX, em 1929, até aqui, 2020, os recursos historiográficos e a forma de pesquisar, escrever, desenvolver, e pensar a ciência histórica muda-se constantemente. Mas a forma de ensinar história ainda pouco se muda.

Ensinar história é um desafio que permanece. A ciência e a operação historiográfica acentuam uma dimensão simbólica que a prática do ensino da história ainda não acentuou. Outrossim, se por um lado a história é pensada no seguinte esquema:



É muito curioso pensar e refletirmos que ainda hoje os conteúdos elencados pela história ensinada estão em alguns lugares e temários alheios a atualização da operação historiográfica. Claro que esta que o ensino de história na educação básica não visa “formar pequenos historiadores”³, porém é bastante contraditória a ideia que a história ensinada deve ser estática, presa a “conteúdos” que suplantam a realidade e a historicidade dos alunos.

Um importante contraponto entre ensino e pesquisa em história é a ideia do ponto de partida: se na pesquisa a história sempre parte de uma razão, uma observação que parte de nossos dias, para o passado, o ensino não deveria permear tal sensibilidade também? Pensemos que o ensino de história ideal seria aquele que está em constância com a atualidade do aluno, é projetar algo que é do cotidiano desses, no passado histórico.

³“É preciso deixar claro, porém, que o ensino básico não se propõe formar “pequenos historiadores”. O que importa é que a organização dos conteúdos e a articulação das estratégias de trabalho levem em conta esses procedimentos para a produção do conhecimento histórico. Com isso, evita-se passar para o educando a falsa sensação de que os conhecimentos históricos existem de forma acabada, e assim são transmitidos.” Ler mais em: ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. Ciências Humanas e suas Tecnologias. História. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 73.

Ao ensinar história, o uso das fontes históricas⁴ é sempre uma das melhores aliadas a tornar as aulas substancialmente inovadoras, criativas. Não é algo novo o uso dessas fontes no ensino aprendizagens, constantemente professores e professoras de história apresentam seus relatos de experiência nos quais o uso de imagens, vídeos, monumentos, entre outros tornaram a sua prática docente “mais animada”, como dizem nossos alunos, e isso faz com que a absorção por parte dos alunos seja melhor e mais efetiva.

Neste artigo, além de uma proposta de uso de jornais nas aulas de história, mostraremos também, como a relação entre história e imprensa podem ser aliados no ensino de história por meio de atividades que além de lúdicas são contemporâneas e estão no cotidiano escolar, e pessoal dos alunos. Também apresentaremos como vem sendo utilizado esta fonte pelos pesquisadores da imprensa no Brasil.

História, Imprensa e Ensino: as experiências do saber

Com as renovações historiográficas ao longo do passar dos tempos, as diferentes concepções das escolas metodológicas atrelaram aos seus modus diferentes linguagens e abordagens nas quais as mais diferentes tipologias de fontes foram revisitadas para fornecer informações sobre os homens no tempo. A história enquanto ciência é um leque de possibilidades no qual o historiador enquanto ente que constrói uma narrativa opera no universo das representações, levando seus leitores a visualizarem uma perspectiva daquilo que passou, atentar as experiências socioculturais que diferentes sujeitos vivenciaram em seus cotidianos.

Eric Hobsbawm propôs que seria difícil de evitar e dispensar o efetivo das relações entre as diferentes temporalidades históricas, nesse sentido,

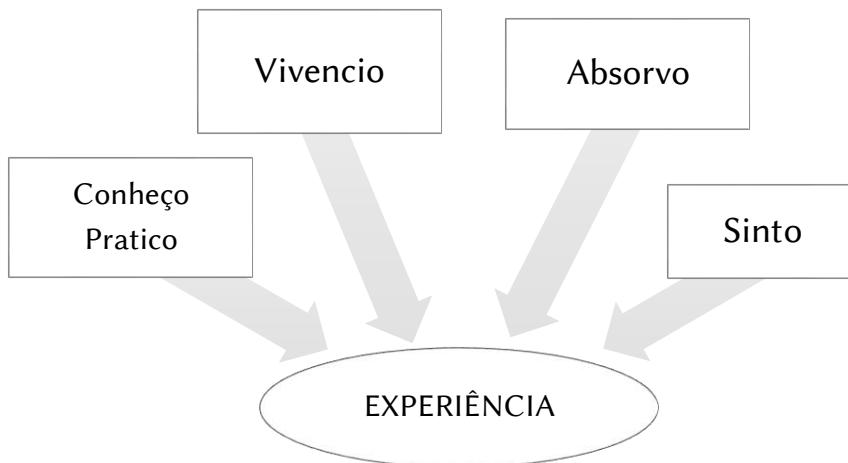
[...] as relações entre passado, presente e futuro não são apenas questões de interesse vital para todos: são indispensáveis. É inevitável que nos situemos no continuum de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos. [...] Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a experiência significa.⁵

Logo experiência assume a função de elo significante, é aquilo que adquirimos. Entendemos experiência como um conceito e uma categoria de análise histórica. Podemos falar em experiência de classe, de moda, de gênero, de cultura. A experiência é sempre algo apreendido nas relações e nas relações está a história.

A noção de experiência pode ser melhor compreendida através do seguinte esquema:

⁴Fonte histórica é todo e qualquer vestígio da atividade humana no tempo e no espaço ecumônico. Entendido a luz do movimento historiográfico francês da Escola dos Annales, tudo que o “homem vê, tudo que ele toca dá informações sobre ele”.

⁵HOBSBAWM, Eric. Sobre história. Trad. de Cid Knipel Moreira (São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 36.



Assim, a experiência é o conhecimento que temos ao redor de nós mesmos. Todos temos experiências. A etimologia do termo experiência já sugere isso⁶, se nos voltarmos para pensar a história como campo de experiências, temos uma polifonia de sujeitos em diferentes temporalidades que nos legaram ações e testemunhos daquilo que vivenciaram.

François Dosse, proeminente historiador francês, enfatiza que a história hoje exige uma postura de reflexão. De fato, estar presente ou ser apontado numa fonte ou não significa que ao fundo algo tenha ocorrido na história, a fórmula do historicismo de Leopold Von Ranke do primado do documento, especialmente do documento oficial foi alterado com as renovações historiográficas, especialmente, reiteramos com a Escola dos Annales. É preciso assim “filosofar a história”, historiadores lerem filósofos e filósofos lerem historiadores. Nisso, hoje:

A conjuntura parece favorável a essa nova configuração ou nova aliança entre esses dois domínios conexos porque o historiador de hoje, consciente da singularidade de seu ato de escritura, tende a fazer Clio passar para o outro lado do espelho, numa perspectiva essencialmente reflexiva. Disso resulta um novo imperativo categórico que se expressa pela exigência, de um lado, de uma epistemologia da história concebida como interrogação constante dos conceitos e noções utilizadas pelo historiador de ofício e, de outro lado, de uma atenção historiográfica nas análises empreendidas pelo historiador de outrora. Desenha-se, assim, a emergência de um espaço teórico próprio e definido a operação histórica pela centralidade do humano, do agente, da ação situada.⁷

Logo o ato de narrar a história e reconstruir experiências passa por uma tarefa grande de refletir. A constante interrogação e problemática na qual a história está inserida exerce uma centralidade no ser humano, na ação situada que constitui a história. Essa lógica da ação instiga o historiador a reabrir potencialidades do presente, propondo assim verificar os traços da memória coletiva.

Dentre as diferentes tipologias de fontes que os historiadores utilizam em seu *métier*, a imprensa figura com propriedade nesse sentido de verificar as memórias coletivas. Primeiramente porque um jornal mesmo que ligado a um grupo específico, apresenta em seu teor muitas vozes que se associam ou se dissonam na lógica da imprensa do seu tempo. Se

⁶ Experiência se ligado a experimento, faz parte do método científico, é um dos itens do processo. Mas também tem muito a ver com a filosofia no qual experiência é qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos, nisso opera a historicidade, a memória coletiva do vivido que embasa o narrado.

⁷ DOSSE, François. A História. Trad. de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p. 08.

tomarmos um pasquim ou jornal da segunda metade do século XIX, no Segundo Império Brasileiro, podemos encontrar: grupos abolicionistas, monarquistas, escravistas, republicanos, a mocidade militar... todas essas experiências de vivido encontramos numa única fonte. Evidentemente que cada grupo também desenvolveu seu veículo próprio, seu jornal próprio e por lá difundiu suas ideias e ideais.

A imprensa por si só está repleta de experiências. Tem-se a experiência do dono do jornal, do grupo ao qual se filia, dos redatores, dos colunistas, dos propagandistas, e a experiência de quem o lê. Roger Chartier propõem que o leitor está entre “limitações e liberdade”, e que a leitura é uma produção de significados uma vez que para Chartier, leitura será sempre apropriação, invenção. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor. No entanto, esta liberdade leitora não é absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. “Do antigo rolo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler”⁸. Ao longo do processo de civilização os indivíduos viram-se forçados a controlar suas condutas, a censurar seus movimentos espontâneos e a reprimir seus afetos.

O jornal diferente do livro, propõem ao seu leitor mostrar “aquilo que ocorreu”, ou “aquilo que está ocorrendo ou vai ocorrer”, está repleto assim de informações. Essas informações, se tomadas de maneira herméticas tornam-se “fato histórico” sem se quer ter passado por uma reflexão narrativa.

A imprensa trabalha assim com a história vivida, cotidiana, com informações e experiências cotidianas, funciona como uma janela do cotidiano. A experiência no jornal aparece em diferentes escalas e personagens: políticos, ativistas, passageiros, estudantes, mulheres, artistas, profissionais de diferentes ramos, que nesse meio veiculam suas expectativas e lutas bem como apontam para a situação peculiar no qual estão inseridos dentro de determinado espaço de tempo e conjuntura.

Os jornais nos fornecem informações. Essas informações obedecem a diferentes critérios preestabelecidos. É sempre importante pensar o jornal enquanto meio, não fim, enquanto divulgador, não manipulador. Nesse sentido, creditamos aos leitores, os receptores da informação o direito de escolha a que sentido atribuir a leitura jornalística.

Para aqueles que tomam os jornais como fontes, outra decisão se impõe: os mesmos são ou não a fonte principal para a pesquisa? Se não o forem, algumas informações sobre o periódico podem ser desnecessárias. Tomemos um exemplo: no caso de estudo biográfico de uma personagem como Euclides da Cunha, que teve larga contribuição como escritor, publicando em diferentes periódicos, o jornal poderá servir de fonte secundária para se verificar as possíveis fases da escrita euclidiana, seu estilo de redação, dentre outros. Nesse caso, o jornal será um subsídio secundário em face da atuação profissional da personagem que se estuda, não justificando, por sua vez, uma análise mais pormenorizada da imprensa.⁹

Particularmente em relação à imprensa, é fácil constatar que seu uso, faz algum tempo, encontra-se disseminado nos ambientes de trabalho das ciências sociais e das humanidades.

⁸ CHARTIER, Roger. A aventura do livro. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

⁹ SILVA, Márcia Pereira da e FRANCO, Gilmara Yoshira Franco. Imprensa e Política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. História em Reflexão. Disponível em <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaeoreflexao/article/download/941/575>. p. 06, 07.

Nos diversos campos de pesquisa, da comunicação à Nesse sentido, o jornal como fonte histórica fornece informações de acordo com a questão a ser abordado pelo pesquisador, bem como na medida em que este estabelece um grau de leitura necessária à sua pesquisa. Lembremos que o jornal enquanto fonte histórica recebe uma metodologia peculiar para seu trato e uso em historiografia, e como tal deve ser lido em entrelinhas, problematizo, comparado dentro do possível com outros grupos de fontes etc.

semiótica, da crítica literária à educação, a imprensa aparece como fonte e também como objeto de pesquisa. Nos diversos níveis de ensino e em diversas áreas, a imprensa transforma-se, de forma crescente, em suporte didático-pedagógico na sala de aula. [...]¹⁰.

Concordamos com as autoras supracitadas que o uso da imprensa se faz tempo está presente em nossa vida, e nas pesquisas em ciências sociais e humanidades. E cada vez mais este meio se torna aporte didático nas aulas. “Professores de português e literatura buscam em textos da imprensa um espaço para aprendizagem de uma norma escrita mais viva e atual do que a dos clássicos; na geografia busca-se uma compreensão do espaço mundial globalizado mais atualizada, nas ciências sociais os temas do tempo presente”¹¹.

Também na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar. Tais deslocamentos em relação às perspectivas teórico-metodológicas, – ao ampliar o universo das fontes históricas, e ao colocar a habilidade em lidar criticamente com as mesmas no centro da formação do professor/pesquisador de história, – vêm ganhando terreno e, para além de penetrarem nas discussões mais acadêmicas nos cursos de graduação e pós-graduação, tornam-se visíveis inclusive nos parâmetros e diretrizes curriculares para o ensino básico¹².

Nesse sentido, o ensino de história ganha um diferencial quando incorporamos o uso do jornal nas aulas da educação básica. É possível lidar com a criticidade dos nossos alunos, e estabelecer além das metodologias já disponíveis, novas formas de acordo com os objetivos e a proposta de nossa aula. O professor de história, habilitado para com o trato de fontes, verificará no jornal um leque de possibilidades para instigar os alunos a questionarem “as verdades” apresentadas na fonte. O mais interessante disso é que necessariamente o jornal não precisa ser do passado; há constantemente informações reverberadas nos jornais sobre o passado, mas sempre partindo do presente. Um exemplo sempre eficiente é quando escavações e projetos arqueológicos descobrem uma nova tumba, ou edificação, ou indício até então encoberto sobre o Egito Antigo. A pesquisa é contínua, a “verdade do livro didático” pode ser mudada a todo e qualquer instante, e, a “atualização” que os jornais oferecem sem dúvidas assume um lugar especial no ensino de História.

¹⁰ CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, PUC, nº 33. Disponível em <http://www4.pucsp.br/projetohistoria/series/series3.html>. p. 254.

¹¹ Idem. loc. cit.

¹² Idem. loc. cit. Os grifos são meus.

A prática e o desenvolvimento de atividades com jornais em sala de aula proporcionam assim, um reinventar, um esclarecer como atua a história que “não estuda o passado”, mas o “homem no tempo”¹³, destacando assim que sempre em história partimos do presente para o passado, aquilo que nos motiva, nos impulsiona e impulsiona a história são motivações do presente, do nosso cotidiano.

Jornais nas aulas de história também podem servir de aporte de memória, e alusão histórica. Aporte de memória se tomarmos por exemplo, um jornal brasileiro de novembro de 1889, e vislumbramos com nossos alunos sobre as impressões, as perspectivas anteriores e posteriores ao acontecimento do 15 de novembro de 1889. Alusão histórica se utilizarmos um jornal contemporâneo que traz em sua manchete algo como um “briga e conflitos de facções rivais” de um mesmo bairro, com o todo o cuidado necessário é possível aludir para as guerras e conflitos entre os espartanos e atenienses na Grécia Clássica, que sabemos que pensavam e agiam diferente dentro da mesma pólis. O que seria essa pólis hoje? O que levaria espartanos e atenienses a divergirem hoje? O jornal nos ajuda a pensar com nossos alunos essas e outras questões por meio da alusão histórica¹⁴.

Os jornais na sala de aula: atividades e modos de usos

A utilização dos jornais nas aulas de história interpela o aluno a sua experiência cotidiana e alude para o acontecer da história em diferentes temporalidades. A prática do ensino de história por meio dos periódicos é que eles funcionam como uma “janela do tempo”, no tempo! Em diferentes temporalidades, as notícias, fatos, acontecimentos e ocorridos tendem a se contrapor ou se comparar, nisso as noções de sociedade, trabalho, cultura e identidade funcionam como aporte ao professor para enfatizar a própria função social do jornal enquanto prática de comunicação.

Utilizar o jornal como instrumento e recurso pedagógico em história requer que o professor juntamente com os alunos desvende a fonte, é necessário que ambos desenhem a diversidade textual do jornal em sala, que estabeleçam links com o conteúdo histórico proposto no livro didático e percebam a necessidade da materialidade do texto.

Ao professor compete ainda definir se usará recortes ou todo o jornal, tudo variando de acordo com a proposta de trabalho e/ou atividade que visa realizar com sua turma. Na primeira possibilidade, que é o uso de apenas uma parte do jornal, o docente pode enfatizar pelo uso de uma manchete ou de uma charge uma situação cotidiana que ocorreu na temporalidade dos alunos e realçar uma alusão histórica. Numa manchete que traz uma informação como “Prefeito da cidade tal realiza festa em aniversário de X anos do município. No divertimento a população teve acesso ao bolo de tantos quilômetros e ao show das bandas Y e Z.”, ao utilizar-se apenas dessa manchete, o professor tem a possibilidade de estabelecer um diálogo com a política *panem et circenses*, desenvolvida na República Romana na Antiguidade Clássica. É possível mostrar ao aluno que algumas práticas se reconfiguram na história e assumem uma re-simbolização ou uma conservação de valores que outrora já haviam sido realizados.

Se o professor opta pelo uso de todo o jornal, este possuirá uma infinitude de possibilidades para a realização do seu trabalho docente. É sempre preciso esclarecer a linguagem

¹³ BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

¹⁴ O cuidado necessário primordial é evitar anacronismos e principalmente juízos de valor. Mas, lembremos que o ensino de história também visa “abrir preconceitos” e educar para a cidadania. Essa cidadania está permeada de conflitos nos quais nós professores de história, devemos mostrar aos nossos alunos as diferentes vozes e atuações na nossa cidade.

do jornal como fazemos com as diferentes tipologias das fontes históricas em pesquisas. Na sala de aula, a abordagem deve seguir uma lógica parecida sempre considerando que os alunos não são mini historiadores, ou pesquisadores.

Torna-se salutar entender o que está escrito nos jornais. Conforme apresenta Gilberto Demenstein, sua linguagem está cheia de conceitos como câmbio, dívida pública, balança comercial, dívida social, impostos progressivos, inclusão social, sonegação fiscal, PIB, IDH, renda per capita, crescimento populacional, Estado de Direito Democrático, Direitos Individuais, Referendo, entre outros. Sem entender o que significam essas palavras, é impossível saber o que é cidadania.¹⁵

Embora haja jornais com uma linguagem clara e acessível, as vezes até com tendências sensacionalistas, a linguagem e abordagem do jornal geralmente não são compreendidas com facilidade especialmente alguns cadernos, se lidos por pessoas e ou alunos com formação ou atuação em outras áreas de mister. Quando não se entende o que está sendo lido, qualquer pessoa perde o interesse e para de ler. Nem sempre os jornais falam claramente e explicam as coisas como deveriam. Se isso ocorresse, mais gente leria as notícias e teria maior consciência e sensibilidade dos seus direitos e deveres, e do cuidado e preocupação com o outro, e com a localidade no qual está inserido.

A utilização do jornal na sala de aula como uma forma de desenvolver a consciência da cidadania efetiva e atuante, fazendo uma leitura crítica do texto jornalístico em relação ao mundo circundante, e ponderando ao aluno que a alusão histórica parte sempre de uma realidade ampla, na qual diferentes experiências formam o vivido. É bom sempre esclarecer aos nossos alunos que o jornal sempre parte de uma forma particular de ver o mundo, que o fato noticiado foi escolhido para ser noticiado, que pessoas foram ouvidas para destacar também o posicionamento do grupo que lidera, ou gerencia o jornal. Logo, é uma prática social que dissimula ideias e ideais específicos.

Inicialmente, o professor deve apresentar o jornal a classe. A tabela seguinte, mostra uma classificação, um ornamento das partes de um jornal.¹⁶

¹⁵ DEMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

¹⁶ O jornal tomado como exemplo, foi o Jornal A Crítica, periódico que circula e tem sede na cidade de Manaus, AM.

Apresentação do jornal - as diversas editorias (seções) que compõe o jornal

- 1.1. Primeiro caderno (Manchetes) é a mais importante do jornal, pois ali se encontram os assuntos principais da edição, servindo de chamariz ao leitor.
 - Tema do dia, Editorial (Problematização) Sim e Não e Charge.
- 1.2. Segundo caderno (Classificados) suporte financeiro.
 - Números diversos, Oportunidade profissional, empreendedorismo etc.
- 1.3. Terceiro caderno (Cidades).
 - Acontecimentos da cidade de Manaus e na sexta-feira – Educação.
- 1.4. Quarto caderno (Assuntos internacionais)
 - Economia, Política internacional etc.
- 1.5. Quinto caderno (Esporte).
 - Geografia através da localização da cidade das equipes que disputam os jogos regionais, nacionais e internacionais.
 - História através das equipes que disputam os jogos regionais, nacionais e internacionais, os fatos históricos que envolvem as regiões em disputas.
- 1.6. Sexto caderno (Bem viver).
 - Literatura, Cinema, Música, Artes, Culinária (nutrientes), Matemática (Receitas), História em quadrinhos, Entretenimento (inglês), etc.

Fonte: elaborado pelo autor.

Após esse exercício, elaborado pelo professor que pode optar por fazê-lo antecipadamente sozinho, ou em classe com os alunos. O bom da elaboração dessa tabela é que ela em si já apresenta itens da composição do jornal, e sua elaboração/confecção. Se optar por fazê-lo em classe, o professor terá de orientar os alunos, deixando a eles o trabalho de encontrar as respostas e expor as descobertas em um diálogo construtivo e de partilha do conhecimento adquirido. Caso a turma não consiga, depois de algumas tentativas chegar ao resultado esperado, o professor deve intervir, complementando o que os alunos já expuseram, sempre levando em consideração a participação do aluno.

Ao uso dos jornais nas aulas, especialmente em aulas de história, é importante sempre: 1) respeitar a integridade do texto publicado, não desvirtuando a informação original, além de um veículo de informação, para o historiador, é uma fonte, e como tal, mantê-la em seu texto integral é importante. Caso não tenha o jornal inteiro, indicar sempre, título da publicação, a data, a página e o nome do autor da matéria. 2) Preservar sempre as fotos com as legendas originais e o nome do fotógrafo. 3) Escolher vários gêneros textuais para leitura e análise. Promover a leitura e o olhar crítico. 4) Estimular a identificação das notícias com a percepção e a realidade do aluno em relação ao fato jornalístico. Esses são os principais meios para o trato com o texto jornalístico nas aulas de história, assim, com esses itens, produziremos história, preservando a fonte e a memória que ela engendra.

A seguir elencamos diferentes atividade que podem ser realizadas a partir do uso dos jornais em sala de aula, a criatividade docente mais uma vez é ponderante para melhor concretização de cada uma das atividades propostas.

Rol de atividades possíveis com o uso de jornais

1. Atividade lúdica
 2. Seleção de fotos, charges, estórias etc.
 3. Murais – organização.
 4. Coleção de textos, de matérias – hemeroteca.
 5. Produção de textos.
 6. Educação Infantil – uso da figura para leitura.
 7. Debates através de reportagens, editoriais, artigos, entrevistas etc.
 8. Textos para contextualização de conteúdo.
 9. Textos para análise de temas transversais, interdisciplinar e multidisciplinar. (Ética, Meio Ambiente, Saúde e Diversidade étnico-racial, Pluralidade Cultura, Trabalho, Cidadania).
 10. Incentivar a leitura crítica para se criar o hábito de ler/escrever.
 11. Jogos dos sete erros.
 12. Distrações através de quadrinhos.
 13. Atividades de pesquisa em linguagem objetiva: o quê? Quem? Como? Onde? Por quê?
-

Fonte: Elaborado pelo autor.

O professor deverá selecionar, junto com a classe, um assunto que tenha tido repercução ou que desperte o interesse dos alunos no momento, como um acontecimento político, um jogo ou campeonato esportivo, um acidente de grandes proporções, um crime, um show, etc., e a partir do sentido, da curiosidade e interesse dos alunos desenvolver e adentrar ao tema de sua aula. Reiteramos que a realidade dos alunos, se inserida no percurso histórico proporciona emocionantes e envolventes descobertas.

Ao iniciar qualquer uma das atividades acima sugeridas, é importante, reitero, conhecer e apresentar o jornal e suas partes, bem como as funções da metalinguagem que o jornal notícia. Os gêneros jornalísticos devem ser esclarecidos aos alunos para de fato, a atividade acontecer com um retorno positivo. A notícia por exemplo, é sempre tudo aquilo que o jornal publica, sendo que umas recebem maus destaque que outras, dando ênfase ao fato vivificada ou ocorrido, a partir de uma experiência e visão de mundo, “do ângulo” de quem a escreveu. É interessante destacar aos alunos como diferentes jornais noticiam de diferentes maneiras, ou não a mesma ocorrência.

Outro gênero jornalístico é a reportagem. Esta objetiva apresentar e tornar conhecido um fato com maior profundidade, ampliando o enfoque sobre ele por meio da apresentação de dados estatísticos, mapas, gráfico, fotografias etc., além da opinião da equipe de reportagem e de pessoas envolvidas com o assunto. Procurando manter a neutralidade da imprensa em relação aos assuntos e fatos abordados usam-se uma linguagem impessoal. Entretanto, em algumas situações a linguagem deixa transparecer a posição jornalística sobre o fato ou assunto tratado, logo, as atividades também servem para aguçar essa criticidade em nossos alunos para com as ambiguidades do vivido no cotidiano, essa atividade se torna satisfatória quando utilizamos de comparações entre notícias, nas quais podemos verificar o tratamento político, ideológico etc.



Figura 01 - Capa do Jornal do Brasil de 14 de dezembro de 1968.

Foto: Jornal do Brasil/Acervo.

Fonte:<https://educacao.estadao.com.br/blogs/estadao-na-escola/2019/11/07/jornais-da-epoca-ajudam-a-discutir-o-ai-5-na-sala-de-aula/>

Considerações Finais

Cada vez mais a prática do ensino escolar exige uso e reuso de diferentes propostas metodológicas que antes de “criarem uma aula envolvente, ou animada”, auxiliam o professor a melhor estabelecer e construir aprendizagens com seus alunos. A criatividade, guia primordial da educação escolar deve ser atenuada e renovada constantemente, e mais, adequar-se aos anseios de cada turma e classe que se pretenda lecionar com êxito.

Diferentes teóricos e pesquisadores do ensino de História, por exemplo, concordam que o uso de fontes históricas primárias, as que utilizamos em nossas pesquisas acadêmicas, na escola torna o ensino desta disciplina envolvente e oportuniza uma maior aproximação com as múltiplas realidades que esta ciência engendra.

O uso dos jornais nas aulas, especialmente nas aulas de História aproxima o fato histórico narrado e apresentado no livro didático e nos conteúdos programáticos das realidades cotidianas dos alunos; atividades com o uso desse recurso e fonte, promovem uma relação da história narrada com a história vivida diariamente por nossos alunos e alunas.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro. Do leitor ao navegador**. Conversões com Jean Lebrun. 1^a reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, PUC-SP, nº 33. Disponível em <http://www4.pucsp.br/projetohistoria/series/series3.html>.

DEMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

DOSSE, François. **A História.** Trad. de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história.** Trad. de Cid Knipel Moreira (São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. Ciências Humanas e suas Tecnologias. História. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

SILVA, Márcia Pereira da e FRANCO, Gilmara Yoshira Franco. Imprensa e Política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. História em Reflexão. Disponível em <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/download/941/575>.

Recebido em 19 set. 2020
Aprovado em 08 out. 2020